



Contemporânea

Contemporary Journal

3(8): 13267-13286, 2023

ISSN: 2447-0961

Artigo

CARTA À RAINHA LOUCA: A ASTÚCIA DE UMA FÊMEA COMO FORMA DE INSUBORDINAÇÃO

LETTER TO THE MAD QUEEN: THE CUNNING OF A FEMALE AS INSUBORDINATION

DOI: 10.56083/RCV3N8-180

Recebimento do original: 28/07/2023

Aceitação para publicação: 29/08/2023

Arielle de Jesus Meireles Teixeira

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL)

Instituição: Universidade Federal de Goiás (UFG)

Endereço: Avenida Esperança, s/n, Chácaras Califórnia, Goiânia – GO, CEP: 74690-900

E-mail: arielle.jmt@gmail.com

RESUMO: O presente artigo analisa o romance epistolar “Cartas à Rainha Louca”, de Maria Valéria Rezende, publicado no ano de 2019. O estudo compreende o livro como uma narração e representação da vida dos sujeitos excluídos socialmente durante o Brasil Colônia. O gênero epistolar corrobora para a verossimilhança do relato encenado, pois a carta era um gênero literário forte no Brasil Colônia e retoma a tradição confessional da sociedade do século XVII. Com aporte teórico de Hutcheon (1991) e Jacomel (2008) compreende-se o romance como uma metaficção historiográfica. No artigo destaca-se como a obra questiona as relações de poder que construíram a História e que servem como referência para a constituição da nossa sociedade atual. A constituição das identidades dos sujeitos que estão presentes no relato epistolar da personagem Maria Isabel das Virgens para a rainha D. Maria I é problematizada pelo viés da Análise do Discurso de Brandão (2004), sobre o sujeito histórico marcado espacialmente e temporalmente, e de acordo com Lauretis (2019) sobre as relações sociais assimétricas em razão das representações culturais do sistema de gêneros. Por fim, compreende-se que a literatura contemporânea e a metaficção historiográfica colocam em xeque a noção do real, não somos capazes de diferenciar o que é inventado e o que é ficção, durante a leitura da obra não se deve ter a pretensão de fazer essa diferenciação. O romance de Maria

13267



Valéria Rezende é uma obra que vai na contramão do discurso da ordem e do poder, a sua leitura exercita a sensibilidade e a percepção poética quanto a narrativa do corpo feminilizado como lugar de pertencimento e valoração pelo outro.

PALAVRAS-CHAVE: Metaficção Historiográfica, Literatura Contemporânea, Romance Epistolar, Análise Literária.

ABSTRACT: This article analyzes the epistolary novel "Letters to the Mad Queen", by Maria Valéria Rezende, published in the year 2019. The study understands the book as a narration and representation of the life of socially excluded subjects during Colonial Brazil. The epistolary genre corroborates the verisimilitude of the staged report, since the letter was a strong literary genre in Colonial Brazil and reproduces the confessional tradition of seventeenth century society. With theoretical input from Hutcheon (1991) and Jacomel (2008) the novel is understood as a historiographic metafiction. The article highlights how the work questions the power relations that have built up history and that serve as a reference for the constitution of our present society. The constitution of the identities of the subjects that are present in the epistolary account of the character Maria Isabel das Virgens to Queen D. Maria I is problematized by the Brandão Discourse Analysis bias (2004), on the historical subject marked spatially and temporally, and according to Lauretis (2019) on asymmetric social relations due to the cultural representations of the gender system. Finally, it is understood that contemporary literature and historiographic metafiction place in check the notion of the real, we are not capable of differentiating what is invented and what is fiction, during the reading of the work one should not have the pretension of making this differentiation. The novel by Maria Valéria Rezende is a work that goes against the discourse of order and power, its reading exercises sensibility and poetic perception as to the narrative of the feminized body as a place of belonging and valuing for the other.

KEYWORDS: Historiographic Metafiction, Contemporary Literature, Epistolar Novel, Literary Analysis.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.



1. Introdução

A obra “Cartas à rainha louca”, lançada no ano de 2019 pela Editora Alfaguara, escrita por Maria Valéria Rezende, uma freira escritora comunista e seguidora do método educacional de Paulo Freire, é um romance sobre o período do Brasil Colônia, que se estendeu desde o ano de 1500 até 1822 e foi caracterizado, principalmente, pelo processo de colonização portuguesa. O livro em questão é um romance epistolar, a sua narrativa em primeira pessoa nos traz o relato de Isabel das Santas Virgens, essa dirige-se, em uma extensa carta, à Rainha Louca, epíteto pelo qual ficou conhecida a Rainha de Portugal e Algarves durante os anos de 1777 e 1815, a Maria Francisca Isabel Josefa Antónia Gertrudes Rita Joana de Bragança, ou apenas D. Maria I.

A obra é uma extensa carta e está dividida em 4 partes, referentes ao ano em que cada uma delas foi escrita, 1789, 1790, 1791 e o ano de 1792. Durante esse período Isabel encontrava-se detida em Olinda, no Convento do Recolhimento, enquanto esperava ser levada a julgamento pela Coroa em razão da acusação de ter criado o seu próprio convento sem a autorização do Clero. Em seu enclausuramento, após mais de dois anos à espera de ser julgada pela Corte, Isabel começa a escrever para a Rainha um “relato de seus sofrimentos” (Rezende, 2019, p. 9), na narração temos a reunião de fragmentos das memórias de uma mulher que busca ser lembrada. Isabel das Santas Virgens está esquecida no Recolhimento.

Há já longo tempo me trouxeram para cá, com o fim de aguardar alguma nau de carreira que me levasse a Lisboa, para ser julgada pelas Cortes por um crime que me foi assacado, mas aqui me esqueceram. É para que me recordem que agora Vos escrevo, Senhora, pois que em Vós se juntam duas cousas que de raro se podem reunir: o serdes rainha de cetro e coroa, capaz de ordenar e fazer o bom e o junto, acima de todos e quaisquer súditos, de qualquer sexo, que habitem as Vossas terras, e o serdes mulher, capaz de saber o que sofre outra mulher que clama por justiça (Rezende, 2019, p. 9).



As duas primeiras partes da carta, escritas no ano de 1789 e 1790, não estão organizadas cronologicamente, pode-se compreendê-las como tentativas de Isabel para organizar na mente os eventos que pretende narrar. Nessas partes da carta, a narradora-protagonista mistura passado e presente, assim nos apresenta os demais personagens da história, qual o papel que estes desempenharam para ela chegar até a sua reclusão.

Em sua carta, Isabel das Santas Virgens concentra-se em narrar a série de infortúnios e dificuldades pelos quais passou até ser presa no Recolhimento da Conceição. Em seu relato, conhecemos essa personagem-narradora desde a sua infância em um dos engenhos da Bahia. Isabel havia perdido sua mãe muito cedo e, conforme relata, foi salva graças a astúcio de Gregório, um homem negro e já velho cuja alforria foi dada pelo pai de Isabel, que à entregou “à bondade das negras para criar-me nos desvão da senzala e da cozinha da casa-grande” (2019, p. 58).

Até os quatro ou cinco anos Isabel conseguiu ser escondida da casa-grande, no entanto, em uma manhã chamou a atenção da senhora do engenho que a escolheu para servir como companheira de Blandina, uma das filhas de Dom Afonso Castro. Junto sempre a Blandina, ela passou a morar na casa-grande, frequentar as aulas do padre-mestre destinadas a sua ama e a passear com ela pelas terras de sua família. Com essa proximidade, aos 15 anos Isabel vai embora do engenho junto com a sua ama quando Blandina foi confinada em um convento por seu pai, Dom Afonso Antunes de Castro, como castigo por engravidar de Diogo Lourenço de Távora, alguém sem prestígio social e cuja vida ambas conhecem apenas pelos relatos fantásticos de suas aventuras que o mesmo as narrava às escondidas.

Blandina acaba por morrer no Convento do Desterro, assim, Isabel, bem como as negras escravizadas que haviam sido enviadas para lhe servir, fica sem lugar, não pode mais ficar no convento e assim precisa começar a buscar sobreviver em uma sociedade que não havia espaço para alguém



como ela. Um dos meios de sobrevivência para Isabel das Santas Virgens foi transvestir-se de homem para ganhar algum dinheiro com o seu conhecimento, uma vez que não era possível, muito menos crível, uma mulher com tanto conhecimento das letras.

Por meio do relato dessa sobrate, uma mulher branca e pobre, de Rezende, somos apresentados às relações de exploração e subalternização que os sujeitos à margem do Brasil colônia sofriam. A obra "Carta à rainha louca" é uma extensa carta em que Isabel recorre à D. Maria I como último pedido de ajuda, ela acredita que a rainha não esteja ciente de todas as injustiças que fazem em seu nome. Para a sobrate, ciente dos infortúnios que passa apenas por ser mulher, uma outra mulher não poderia compactuar com os maus tratos proporcionados em nome da Coroa.

2. À Rainha Louca

Isabel das Santas Virgens é uma mulher que está contando como foi parar no Convento do Recolhimento. Ao antecipar os fios narrativos das demais partes da carta na Parte I e na Parte II, a narradora-personagem busca apresentar, ainda que de forma confusa, quem ela é, como se pode traduzir a própria loucura e a debilidade que lhe acusam. Podemos encontrar esse ponto explícito logo no primeiro parágrafo de sua carta, ao pedir perdão antecipadamente por ousar dirigir-se à Rainha.

Perdoai, Vossa Majestade Fidelíssima, a esta mulher - enlouquecida pelas penas do amor ingrato e de grandes vilanias cometidas por aqueles que se creem mais poderosos do que Vós mesma - por vir-Vos interromper, com o relato de seus sofrimentos de mínimo relevo, em Vossas orações e em Vossos atos régios tão urgentes para Vosso Reino e para aquele de Deus (Rezende, 2019, p. 9).

A escrita usada para se defender também serve para ordenar os seus pensamentos e memórias, assim, Isabel reconstrói, de forma não linear no início, o seu percurso de vida até ser presa acusada de criar o próprio



convento. Nesse primeiro momento da carta, Isabel das Santas Virgens recorre a alcunha de “louca”, já utilizada anteriormente em sua vida para desmerecê-la e colocar a sua pessoa em dúvida, enquanto uma estratégia narrativa que lhe permite falar o que necessita, sem ser preciso meias palavras de pretensa sanidade e noção de seu devido lugar na cadeia hierárquica imperialista.

Já no primeiro parágrafo da carta, citado acima, é possível destacar dois movimentos que serão investidos no decorrer do livro. A narrativa trabalha a sua relação com a Rainha de modo a aproximá-las e distanciá-las, o relacionamento entre ambas constrói-se na constante tensão entre Isabel e a Rainha serem iguais, pois ambas estão na condição de serem fêmeas, e entre Isabel e a Rainha serem diferentes, uma é a Rainha e outra apenas uma sobrate. A narradora-personagem compreende esse duplo movimento que constitui a relação entre elas, proximidade e distanciamento, como demonstrado no trecho a seguir:

Muito tenho hesitado em escrever-Vos, pois bem sei que mesquinhos são os infortúnios que Vos hei de relatar se comparados àqueles trabalhos que, desde Vossa régia infância, certamente tendes passado, que Rainha sois, mas nem por isso sois menos mulher, e sofrer e chorar é o quinhão de todas as filhas de Eva, [...] (Rezende, 2019, p. 10).

Isabel aproxima-se da Rainha na condição de mulher. Ainda no parágrafo acima, após a parte destacada, ela faz uma extensa crítica ao sofrimento de ser “fêmea” em um mundo governado pelas leis dos homens e comenta que, mesmo a Rainha, ou qualquer outra mulher na China ou na África, estão sujeitas a essa submissão. No entanto, após criticar, Isabel rasura o trecho e pede desculpas, como se deixasse a pena correr em sua pretensa loucura de mulher, mas, ao se lembrar do lugar que ocupa, rasura-se as partes que falou sem filtro. Ela está próxima à rainha para falar do sofrimento de ser mulher, mas distante ao criticar o sistema imperialista.



Perdoai-me a rasura, Senhora, que se me ia a pena correndo sem peias pelo papel. Corria a pena levada por inconvenientes palavras que teimam em escapar do sítio onde trato de tê-las bem atadas no meu espírito - que delas não posso me livrar - para que não me venham a fugir pela boca e dar razão a quem por louca me toma (Rezende, 2019, p. 10).

Isabel, ao destacar a consciência que tem sobre o julgamento do outro sobre si, garante o tom irônico das rasuras de sua crítica, ela tem a coragem de fazer abertamente uma crítica ao sistema para a soberana de seu povo. Apesar de rasurar, ainda é possível ler o que está escrito, assim, temos implícito que a sua vontade é a de leitura desses fragmentos, uma vez que, tipograficamente, o trecho poderia estar completamente borrado e não apenas tachado. É principalmente nos trechos rasurados que nos é possível reconstruir as hipocrisias do Brasil Colônia, como se dava o apoderamento dos corpos e como era alimentada a condição de vulnerabilidade da existência de determinados grupos sociais.

Isabel das Santas Virgens não tem a quem recorrer para pedir ajuda, ela é consciente de sua situação, como afirma ser “mulher, sim, fêmea e nada mais, branca e pobre sem bens nem família, nem padrinho que me amparasse, e por isso de nenhuma valia” (2019, p. 117), assim, ela se confessa ser “apenas Maria, como tantas, maria Isabel das Virgens” (*Ibidem*). Sem ter a mais ninguém, tem em D. Maria I a imagem de alguém semelhante, uma mulher com conhecimento e também taxada como louca, cujo saber é questionado graças à sua condição de mulher.

Dessa forma, recorrer à Rainha Louca é a última cartada para Isabel buscar a sua sobrevivência. Para ela ambas são prisioneiras, no contexto setecentista, de sua condição de fêmeas e estão sujeitas ao mesmo sofrimento, submetidas às leis dos homens que subjagam as mulheres às suas vontades, à sua dominação e as tratam como animais.



3. Maria Rezende, Maria Isabel, Isabel das Santas Virgens - a Metaficção Historiográfica de Maria Valéria Rezende

Conforme relatado por Maria Valéria Rezende¹, a ideia para escrever o romance foi a partir de um documento encontrado ao pesquisar sobre as mulheres no período colonial no Arquivo Histórico Ultramarino, em Lisboa. O documento em questão havia sido escrito por uma mulher, Isabel Maria, que estava sendo acusada de fundar ilegalmente uma ordem religiosa, a mesma alegava escrever apenas por ser obrigatório, pois sabia que, por ser mulher, o seu testemunho não seria considerado pela Coroa e pela Igreja.

De acordo com Maria Rezende, é a partir deste relato que ela inventa a história de uma mulher sobrando, que não podia casar-se, pois não tinha dote e muito menos ser escravizada, pois era branca. Assim, Rezende inventa Isabel das Santas Virgens, alguém que não possui lugar no sistema colonial.

No ano de 2019 para o jornal Correio Braziliense, sobre o lançamento de “Carta à Rainha Louca” a autora destaca:

Comecei a inventar, com o conhecimento histórico que tinha. Tudo que está escrito ali é plausível. Como resolvi fazer uma carta, tive que trabalhar muito para fazer um texto plausível no século 18 mas, ao mesmo tempo, legível no século 21 (Rezende, 2019).

Em sua narrativa, Isabel representa não só a experiência pessoal e subjetiva, mas um panorama social, histórico e cultural do contexto ao redor. A sua memória não é apenas dela, mas está interrelacionada à rede de tramas de outras memórias que estão dentro do contexto social Brasil setecentista. Assim, ao acompanharmos a vida de Isabel também temos representações sobre o controle que a Coroa Portuguesa infligiu sobre o povo, quais eram os negócios que podiam existir na sociedade imperialista,

¹ Vide entrevista dada por Maria Valéria Rezende no ano de 2019 no Correio Braziliense e disponibilizada *online* para o lançamento de seu livro.



as suas particularidades, tal como organizações financeiras e quais tipos de pessoa podiam trabalhar em cada comércio. Além disso, na figura do amante de Blandina, responsável pelo destino infeliz da ama de Isabel, temos um relato das transações de importações de sal e café.

A princípio, ao considerarmos a datação do relato (1789, 1790, 1791 e 1792) pode-se pensar que a obra é um romance histórico, no entanto, apesar de haver a exposição das fundações históricas do Brasil, há no livro o processo de desconstrução do relato da História oficial. “Carta à Rainha Louca” é a narração e a representação de vida dos sujeitos excluídos, no livro desenvolve-se a denúncia das mazelas sociais dos que não possuíam lugar na colônia, estavam em um não-lugar, mulheres, pobres, indígenas, negros e negras.

A materialização de sua memória dá-se conforme os diferentes modos como Isabel é subjetivada pelo outro, a sua constituição nas diferentes posições de sujeito que ela assume, principalmente como mulher pobre e branca no Brasil do século XVIII, uma sobranceira. A obra mantém relação com a História, no entanto, Rezende desenvolve uma postura de questionamento à História oficial da nação. Com isso, a análise literária compreende a narrativa, não como um romance histórico, mas sim uma metaficção historiográfica, ambos diferenciam-se, pois o último, conforme Hutcheon (1991), permite que as brechas do discurso histórico oficial sejam analisadas, assim, é uma história de época em que podemos destrinchar e questionar os eventos até então já concluídos historicamente.

Tendo como base para a definição e discussão do método metaficcional historiográfico Linda Hutcheon (1991), Mirele Jacomel (2008) destaca que uma das principais características desse modelo de narrativa é retomar um fato histórico e problematizá-lo. A metaficção historiográfica é um romance de questionamento histórico, coloca em dúvida as relações de poder que construíram a História e que servem como referência para a constituição da nossa sociedade atual. Como Jacomel afirma:



O resgate de um acontecimento feito através da obra de arte sempre gera polêmica, pois, nessa "visita" ao passado, podemos descobrir fatos até então não revelados, devido às questões de interesse de grupos conservadores que se sucedem no alto da pirâmide da crítica literária (Jacomel, 2008, p. 422).

A escolha pelo gênero literário romance epistolar corrobora com a verossimilhança do relato encenado, uma vez que, além da carta ser um gênero literário forte no Brasil Colônia, ela também retoma a tradição confessional, influenciada pelo catolicismo vigente socialmente desde aquela época. A literatura contemporânea e a metaficção historiográfica colocam em xeque a noção do real, não somos capazes de diferenciar o que é inventado e o que é ficção, durante a leitura da obra não se deve ter a pretensão de fazer essa diferenciação.

A metaficção é uma narrativa que, mesmo sendo narrada no passado, sabemos ser produzida atualmente, é um presente à época narrada movido pelo desejo de reflexão sobre o passado. Por meio da narrativa encenada por Isabel das Santas Virgens, Maria Valéria Rezende traz como contexto histórico o Brasil colonial do século XVIII.

Em "Carta à Rainha Louca", Rezende se aproveita de documentos históricos do Arquivo Histórico Ultramarino, o que dá consistência à sua literatura, mas usa da ficção sobre esse para criar possíveis novos rumos para alguém apagada, silenciada e esquecida pela História. Dessa forma, podemos compreender que o livro é o relato de Isabel das Santas Virgens, uma mulher do Brasil Colônia, mas sob a perspectiva feminista de Maria Valéria Rezende. Assim, a ficção se duplica em si mesma.

4. Das Injustiças Sociais

A autora da carta é uma mulher do século XVIII cuja vida é marcada pela violência dos poderes paternalista, pastoral e imperialista. Em seu relato temos o destaque de suas tentativas de subverter o sistema e burlar as



normas levantadas pelos Aparelhos Ideológicos², a Igreja e a Coroa, responsáveis por garantir a relação de explorador e explorado entre os sujeitos. Assim, há o entrelaçamento interdiscursivamente entre a sociedade e a história de mulheres conforme os jogos de verdade que definiram o homem como um ser superior. Construídos no interior do universo textual, os personagens da narrativa são agentes também submetidos às coerções de diferentes ordens que coordenam e controlam a sua identidade, fixando-a a serviço da hegemonia cultural e econômica.

Somos socializados conforme o arranjo social em que nos sensibilizamos a partir da autoridade e da violência, principalmente contra os sujeitos abjetos socialmente. Compreender o traço social que é retomado na e pela encenação do texto literário está além de selecionar o fenômeno ideológico e aplicá-lo mecanicamente para realizar a crítica literária. De modo sistemático, o nosso governo e as demais agências sociais, tem medidas totalizantes e totalitárias colocadas em ação pelas instituições que controlam os corpos e as subjetividades, como na obra literária podemos ver representações das tentativas de correção aos que ousam subverter a norma social, questionar e estranhar as relações assimétricas.

As sobrantes, bem como as pessoas indígenas, negros e negras não escravizados são corpos cuja materialidade é inteligível dentro do padrão hegemônico do Brasil Colônia, não são vidas, mas sim seres abjetos. Como destacam Costa e Lopes (2021) ao falar sobre a obra de Maria Valéria Rezende, o relato pessoal de Isabel traz à luz aqueles que não possuíam lugar no Brasil Colônia, foram apagados e silenciados:

A narrativa, guiada pelos fragmentos dos autos desse processo incompleto [documento oficial encontrado por Maria Valéria Rezende ao pesquisar no Arquivo Histórico Ultramarino, em Lisboa], surgiu da inquietação da autora em dar uma história e uma voz a essa mulher

² Para Althusser (1987) os Aparelhos Ideológicos do Estado são instituições e organizações responsáveis pela manutenção do sistema ideológico. Para ele, cada AIE é uma organização/instituição que regula o status quo do Estado.



histórica, antes perdida nos documentos, bem como uma nova visão do período colonial brasileiro pouco conhecida: a de uma mulher, que, por não possuir dote, não poderia se casar e muito menos levar uma vida autônoma, o que era completamente fora da realidade feminina na época e por isso usou formas de resistência para conseguir sobreviver naquela realidade (Costa e Lopes, 2021, p. 527).

O romance de Rezende se passa no Brasil Colônia de mil e setecentos, período histórico cujas narrativas eram marcadas pelos processos de dominação e subalternização do outro, a História e a literatura foram definidas pelo discurso dos “vencedores”, protagonizado por homens europeus que acreditavam trazer na colonização a civilização para os selvagens. Essas narrativas consagradas foram as responsáveis por construir a imagem daquilo que temos como um cidadão de direitos na época colonial. Uma vez que a nossa identidade pode apenas ser construída em contraste com o *outro*, as identidades dos sujeitos à margem do Brasil setecentista fazem parte do exterior constitutivo daquilo que significava os sujeitos “de valor” do contexto social. Para o pleno domínio e exercício dos Aparelhos Ideológico vigentes era necessário a presença dos sujeitos à margem, o privilegiado existe, apenas quando há alguém desprivilegiado.

Para pensar na constituição da identidade dos sujeitos, a Análise do Discurso é essencial, pois ela compreende que o sujeito só existe no/pelo discurso, só existe através da linguagem. Os sujeitos sociais não são fechados, eles se constroem em interação com o outro. Silenciados e esquecidos pela História, aqueles que a subjetividade se buscava apagar, mesmo que de forma contraditória, também faziam parte da constituição dos sujeitos de direito no Brasil Colônia, pois, como destaca Brandão (2004), o sujeito é histórico, ele é marcado espacialmente e temporalmente, tudo o que está em seu contexto atravessa e participa da construção da sua identidade.

A situação de vulnerabilidade social de Isabel das Santas Virgens, de Gregório e de outras mulheres que são acolhidas na propriedade que lhe foi



doad a sua peregrinação no interior dos sertões serve, assim, para contribuir com a identidade hegemônica dos sujeitos que pertencem à Coroa, a Igreja e aos colonos cristãos.

Parecia uma judiciosa decisão recolher-nos juntos à casa que me ofereciam, onde poderíamos com mais comodidade e menos perigos produzir nosso sustento, gozar do respeito que merecíamos e findar santamente nossos dias quando a cada uma chegasse sua hora. E assim fizemos. Naquela propriedade montamos casa e todas as mulheres que comigo vinham puderam lá estabelecer-se, sem nenhuns luxos nem criados ou escravos, mas com decência e modéstia iguais entre nós como verdadeiras irmãs de sangue (Rezende, 2019, p. 138).

5. A Insubordinação de Isabel - o Domínio das Letras como Estratégia para Subverter a Ordem Social

Escrita e denúncia social se interrelacionam durante a obra. Isabel não apenas a utiliza para descrever as mazelas sociais, mas a escrita também é um objeto que representa a exclusão e injustiça do sistema. Em seu relato a narradora-personagem chama atenção para o fato de que a escrita é uma ferramenta a serviço do poder, a Igreja era a instituição que dominava o ensino das letras, assim, ele era ofertado à elite econômica apenas.

Saber ler e escrever é a maior insubordinação de Isabel, no Brasil Colônia a intelectualidade partia das ideias de Rousseau, pensar não pertencia à mulher, não era uma capacidade feminina. Para o filósofo a ciência, a busca por conhecimentos, não era da competência das mulheres, apenas os homens eram capazes disso,

tudo o que tende a generalizar as ideias não é da competência das mulheres, seus estudos devem todos voltar-se para a prática: cabe a elas fazerem a aplicação dos princípios que o homem encontrou, e cabe a elas fazerem as observações que levam o homem ao estabelecimento de tais princípios. Todas as reflexões das mulheres no que não diz imediatamente respeito a seus deveres, devem tender para o estudo do homem e para os conhecimentos agradáveis que só têm gosto por objeto; as obras de invenção ultrapassam seu alcance;



elas não têm bastante precisão e atenção para brilhar nas ciências exatas (Rousseau, 1995, p. 463).

Para Teresa de Lauretis (2019) os sujeitos são formados por um sistema de gêneros cujos conteúdos culturais atuam conforme os valores e as hierarquias sociais, o que determina como os sujeitos agem e se portam na sociedade. Assim, o que vemos nas representações culturais são modelos do sistema de gêneros, a relação social quanto ao domínio da leitura e da escrita é uma de suas representações culturais presentes na obra. Por isso, ao analisarmos esse objeto na narrativa de Isabel, podemos compreender também como se dão as relações sociais, algo tão quisto socialmente só poderia ser dominado e acessado por sujeitos também tão bem quistos.

A escrita, no livro, representa a assimetria das relações sociais do século XVIII e é utilizada como um meio para a manutenção do sistema de gêneros. Ao ser presa pela primeira vez Isabel tem a obrigação de se defender e o faz apenas por causa disso, uma vez que sabe que não será ouvida pelas autoridades, o seu testemunho não é considerado graças a sua condição de mulher. A ordem e os direitos são assegurados pela escrita, a palavra é a Lei. Assim, apenas para os homens letrados, logo, de posses, o sistema deveria ser inteligível. Como Isabel diz, o mundo era regido pelas leis dos homens, se ela fosse um igual, poderia se defender do e pelo próprio sistema.

Se inúteis são Vossas leis para quem nenhum poder, riqueza, prestígio ou padrinho tem nestas colônias, mais nulas ainda são tais leis para as mulheres aqui nestas terras nascidas para nada mais senão servir à mesa e à cama dos varões, em suas alcovas e fogões, no fundo das tabernas se aí as quiserem ou, na sua melhor sorte, como penhor de alguma aliança entre famílias poderosas. Nenhuma dessas condições era a minha, nem as desejava eu e delas tentara fugir tornando-me Joaquim. E não o neguei (Rezende, 2019, p. 118).

Dominar a leitura e a escrita é um ato de resistência, foi uma oportunidade à qual Isabel teve acesso graças a sua afinidade com Blandina,



e ela tinha consciência disso. Em diferentes momentos da obra a narradora traz em seu relato a sorte que teve por acessar esse conhecimento. O ensino era destinado a Blandina, assim, por estar sempre junto a sua ama, Isabel das Santas Virgens espiava as aulas que o padre-mestre dava à filha do fidalgo, alguém merecedora desse conhecimento.

mas adquiri [o domínio das palavras que seriam negadas pelo costume da colônia] por minha própria inteligência e astúcia, permanecendo abscondita e calada por trás dos reposteiros da casa-grande do engenho, onde por puro acaso me eduquei, a ouvir e espiar as lições do padre-mestre às indolentes e descuidadas filhas do fidalgo e a exercitar-me no traçado das letras, com uma varinha de taboca na fina areia da margem de um riacho, até tornar-me mais hábil na escrita do que o próprio padre-mestre e ele, então, preferir ensinar-me a mim que às sinhazinhas (Rezende, 2019, p. 117).

Além de subverter a norma social por ser uma mulher, ainda por cima pobre, com domínio das letras, principalmente a linguagem oficial, Isabel ainda a utiliza para burlar o sistema, ela é capaz de sobreviver e ganhar dinheiro forjando documentos oficiais, emprestando os seu serviços para quem não possuía o domínio da escrita e leitura, mesmo que esse fosse necessário para o trabalho realizado por eles.

Montando a mula que recebi em pagamento de várias ordens régias falsificadas com perfeição para um rico clérigo, juntei-me a um bando que para lá se dirigia pelos longos caminhos do sertão, trazendo consigo tudo o que tinham e acolá faltava, podendo-se vender com muito lucro: gado, carne e peixe secos para alimentarem-se, venderem e encherem os supinos ventres dos senhores do ouro, e mais luxos de porcelanas, tecidos, escravos, iguarias, especiarias, ferramentas, entre tantos outros. Para isso muitos lhes serviam meus préstimos já que, iletrados, não podiam nem se defender das fraudes nem fraudarem eles mesmos os contratadores dos caminhos, pontes e passagens onde não se pode escapar do recolhimento ou do furto dos tributos (Rezende, 2019, p. 115).

No entanto, enquanto mulher, Isabel não é útil para a cobiça dos outros, o seu conhecimento era válido e creditado apenas enquanto travestida de homem. Assim, quando a natureza a trai, por ela descuidar de seu corpo feminino (Rezende, 2019, p. 116), nota-se que o crime de Isabel



não são as falsificações de documentos, mas sim ser uma mulher. Ao avistarem o “jorro de sangue manchar e escorrer pelo couro da sela e por entre as pernas de meu calção que já fora branco” (p. 116) imediatamente ela foi destituída de seus pertences e de sua liberdade, do direito sobre si mesma e entregue às autoridades que representavam a Coroa.

Todo o resto do que era meu, a mula, o embornal, meus instrumentos de trabalho e a pecúnia que eu com eles ganhara, já não me pertencia, já nada tinha a perder, senão uma vaga esperança de encontrar meu Pai, e bem sabia que a pouca liberdade exterior de que gozara até então extinguia-se para sempre, quiçá como a minha própria vida. Tinha eu, então, não mais de vinte e dois anos de idade e já via findar-se minha vida, sem saber sequer se meu Pai ainda vivia (Rezende, 2019, p. 116).

Como destaca Élisabeth Badinter (2003), era heresia uma mulher que fosse atrás dos estudos, “[d]o século XVII até o fim do século XIX, a mulher erudita é constantemente ridicularizada e tudo se faz para que ela não exista” (2003, p. 68). Ao ser levada para ser julgada à casa do representante oficial do reino, Isabel é obrigada a falar e sabe que a palavra lhe é dada “apenas em cumprimento ao dito pelas leis do Reino, para que constassem dos autos daquele processo, falso por não me poderem acusar de crime algum” (Rezende, 2019, p. 117), era ouvida com puro enfado quase como se a simples ideia de uma mulher como ela com tantos conhecimentos fosse inteligível. Era risível para homens tão estimados pelo sistema que Isabel das Santas Virgens, uma mulher pobre, sem dote e família, dominasse algo tão estimado.

Assim, pode-se destacar o papel da escrita e leitura como essencial para a análise da obra literária. Isabel é um sujeito letrado, a sua vida é marcada pelos conhecimentos que ela adquiriu por meio da leitura, a sua sobrevivência apenas é possível ao vender esses serviços aos outros, no entanto, enquanto mulher isso não possui valor, mas apenas travestida de homem. Como a mesma destaca, Isabel é uma mulher que busca



conhecimento por sua própria astúcia, é um sujeito em obediência a si mesma, ela age na recusa da docilização de seu corpo pela submissão servil ao poder pastoral, soberano e patriarcal, e sabe que, não importa a autoridade que representem, ninguém poderia tolher os seus pensamentos, a liberdade de poder falar e pensar não lhe poderia ser negada enquanto viva.

A escrita de Isabel é movida para fazer a denúncia das injustiças e mazelas sociais do Brasil Colônia para D. Maria I, uma mulher no poder. Em seu relato ela chama a atenção da rainha para as hipocrisias de uma terra a qual ela é soberana, por isso sabemos que a mesma carta não poderia ser escrita caso houvesse um homem no trono, pois a escrita de Isabel busca um interlocutor que também sofra as atribuições de ser fêmea. A carta é redigida a partir da crença de que a Rainha não permitiria o tratamento que é dado às mulheres em sua colônia, como Isabel rasura:

pois certamente não sois Vós ímpia como os senhores dos engenhos e clérigos de Pernambuco e da Bahia e das Minas Gerais, incapazes de ver as mulheres como almas cristãs, irmãs da Virgem Maria Mãe de Deus, e usam nas segundo seus lúbricos desejos, sua infinita ganância e, tanto às suas próprias mulheres quanto às suas escravas e às mulheres dos outros, tratam nas como simples fêmeas brutas, matrizes úteis apenas para lhes fazerem mais filhos e escravos (Rezende, 2019, p. 44)³.

Assim, a personagem-narradora mostra que onde há o poder, há a resistência, tanto ao falsificar documentos oficiais quanto ao persistir em sobreviver burlando o sistema. Saber ler e escrever é a maior insubordinação de Isabel, em sua escrita de si, a personagem-narradora cria as próprias regras ao narrar memórias invisibilizadas pelos discursos históricos oficiais, o seu “ser mulher” é reinventado na construção da própria narrativa.

³ No original o trecho está tachado.



6. Considerações Finais

O romance de Maria Valéria Rezende é uma obra que vai na contramão do discurso da ordem e do poder, a sua leitura exercita a sensibilidade e a percepção poética quanto a narrativa do corpo feminilizado como lugar de pertencimento e valorização pelo outro. As memórias narradas por Isabel das Santas Virgens não são apenas de sua vida, mas estão interrelacionadas à rede de tramas de outras memórias que estão dentro do mesmo contexto social e foram silenciadas. Por meio da personagem de Isabel temos uma visão do ponto de vista da mulher do Brasil do século XVIII, explora-se na obra o não-lugar para as mulheres e as demais minorias.

Conquistar a palavra está além de uma realização pessoal, mas confere/possibilita dentro da obra a existência dos que foram silenciados, apagados da História. O livro não reduz as diferentes subjetividades dos sujeitos à margem, no relato da personagem-narradora há constantemente a marca de que ela é ciente das particularidades do sistema de hierarquização social, Isabel relata como são diferenciadas as experiências conforme o entendimento de raça, gênero e classe. Assim, em seu relato diferentes modos de subjetivação entram em jogo no interior do universo textual.

Essa extensa carta escrita no decorrer de 4 anos é a última confissão de Isabel das Santas Virgens, tal qual uma confissão no leito de morte, é o espaço em que ela pode falar abertamente sobre todos os percalços pelos quais já passou. Na última parte de sua carta, Isabel destaca à Rainha que está recorrendo a ela para que essa possa “vos testemunhar de que modo, por nenhum crime vim eu aqui parar” (p. 112). Assim, ela tem consciência de que, apesar de todos os infortúnios passados, a culpa não foi sua, não era um pecado ser mulher, o seu crime não havia sido falsificar documentos, muito menos abrir uma ordem religiosa, mas sim ser uma mulher que não



se submeteu a mudez, ou aceitou que as suas asas fossem cortadas em troca de uma suposta proteção pelo poder dos homens.

Os abusos e as faltas de direitos aos quais parcelas da população foram relegados durante o Brasil Colônia deixaram os seus vestígios até os dias atuais, pôde-se ver a sua herança tanto no racismo estrutural, quanto na depreciação aos povos originários dessa terra a até os presentes infortúnios que muitas passam graças a sua condição de mulher. Por meio da leitura, fica claro como a desigualdade social no Brasil não acabou, apenas passou por manutenções para serem adaptadas ao sistema econômico vigente.



Referências

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987

BADINTER, Elisabeth. Émilie, **Émilie**: a ambição feminina no século XVIII. São Paulo: Discurso Editorial, Duna Dueto, Paz e Terra, 2003.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**, Campinas, SP: Editora da Unicamp, Ed. 2004.

COSTA, Cindy Conceição Oliveira e LOPES, Sebastião Alves Teixeira. Metaficção historiográfica e gênero: uma leitura de Carta à rainha louca, de Maria Valéria Rezende. **Revista de Literatura, História e Memória**. Unioeste/Cascavel, v. 17, n. 30, 2021. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm/article/view/28112> Acesso em: dez. 2022.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Tradução: Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.

JACOMEL, Mirele Carolina Werneque. Tecendo o avesso da História pela metaficção historiográfica. **Uniletras**, Ponta Grossa, v. 30, n. 2, p. 421-460, jul./dez., 2008. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/uniletras/article/download/527/529> Acesso em: dez. 2022

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In.: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

REZENDE, Maria Valéria. Maria Valéria Rezende lança 'Carta à rainha louca' - O novo romance da escritora fala sobre as mulheres no Brasil do século 18. Nahima Maciel. **Correio Braziliense**, 15 de abril de 2019. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/04/15/interna_diversao_arte,749491/maria-valeria-rezende-lanca-carta-a-rainha-louca.shtml Acesso em: dez. 2022.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio**: ou Da Educação. trad. Sérgio Milliet. 3. ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.